



Gloria Leff*

Os limites do saber de Freud

“Você terá dois filhos aos 32 anos”. Assim dizia a profecia que Elfriede Hirschfeld recebeu de um adivinho no lobby de um hotel de luxo em Paris. Tinha naquele momento aproximadamente 27 anos; os presságios nunca se cumpriram. Transcorre uma década, e em 3 de janeiro de 1911, dois anos e três meses depois de ter iniciado sua análise com Freud¹, decide relatar a previsão a seu analista. Freud submete a paciente a um verdadeiro interrogatório, e no transcurso dessa mesma sessão, produz uma interpretação psicanalítica da mesma. Confirma que há uma conexão entre a profecia e o mundo

*École Lacanienne de Psychanalyse.

1 Elfriede Hirschfeld esteve em análise com Freud entre 1908 e 1914. Devemos a Ernst Falzeder (1994/2008), historiador da psicanálise, a descoberta da identidade desta paciente.

Não vou me deter nas inconsistências de tal explicação. No entanto, é importante frisar que Freud situa o encontro com o adivinho *depois* que o senhor Hirschfeld confessara para sua esposa sua esterilidade e *antes* que a histeria de angústia se tivesse tornado uma neurose obsessiva. Não é disparatado supor, então, que o vencimento do prazo da profecia incidisse na nova apresentação da neurose da paciente. Na carta de 3 de janeiro de 1911, o próprio Freud assegura a Ferenczi que a profecia a tinha consolado durante algum tempo.

Assim como o vencimento do prazo da profecia produz uma mudança de apresentação do conjunto de sintomas de Elfriede Hirschfeld, o surgimento da profecia no espaço analítico perturba a análise com Freud. Chama a atenção que Freud não tenha perguntado para a paciente porque tinha calado durante tanto tempo esta experiência. O relato do encontro com o adivinho, acompanhado das duas cifras, 27 meses depois de iniciada essa análise, não ocorre em um momento qualquer. Por um lado, Freud estava discutindo apaixonadamente com Ferenczi sobre a transferência de pensamentos e necessitava de elementos para provar suas hipóteses. Por outro, tinha perdido o interesse por sua “grande paciente”. Algo da erótica em jogo nesta análise se evidencia no último artigo que dedica ao ocultismo: na *30ª lição de introdução à psicanálise*, serve-se da profecia dos filhos aos 32 anos, que era para Freud “o mais notável dos exemplos”, para que o grande público soubesse que sua prática da psicanálise o tinha levado a admitir a possibilidade objetiva da telepatia. Nesse mesmo escrito deixa aberta a possibilidade de que a profecia, enfeitada com os detalhes que tanto o fascinaram, tivesse sido nada menos que um presente transferencial.

Não cabe dúvida que a história com o adivinho reaviva o interesse de Freud pela paciente, ao mesmo tempo que o desconcerta e desloca de seu lugar de analista. O que acontece nessa análise depois que Elfriede Hirschfeld conta a Freud sobre a profecia permite notar como ele “bebe” desta análise com o fim de desenvolver, e inclusive inovar aspectos de suas teorias sobre o sonho, o Édipo, as fases da libido, a transferência e a transferência de pensamentos e também para tornar explícito seu método de leitura/interpretação de um sintoma. Além disso, fica evidente sua forma de construir um saber sobre a “doença” da paciente e de colocá-lo em jogo na análise a ponto de levar a transferência a um *impasse*. Isso não é tudo: por paradoxal que pareça, a mesma profecia que lhe dá a chave para construir uma explicação “plena de sentido” dos fenômenos ocultos, o confronta com os limites de seu saber. É a relação do analista com o saber o que levará a Lacan em *Les non-dupes errant*⁴ (1973-1974), pela última vez em seus seminários, a se ocupar do tema da contratransferência.

Voltemos à carta de 3 de janeiro de 1911. Uma vez estabelecida a origem e o agente da mensagem telepática – o intenso desejo de Elfriede Hirschfeld de ter um filho –, Freud quer averiguar de onde veio o limite de tempo para procriar e o número de filhos que teria

4 Uma das traduções ao espanhol do título deste seminário é *Los no incautos vagan/yerran*.

N.T.: No português, tradução de Denez, F e Capobianco G. Lacan J. (2018) *Os não-tolos erram/ Os nomes do pai*. Porto Alegre: Fi. (Trabalho original publicado em 1974). Versão eletrônica recuperada em https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_5b94d85169b6421b885f4668bfd9c423.pdf

então. Os dois números (o 32 e o 2) estavam em total concordância com a história da mãe. Esta tinha se casado depois dos 30 anos e em seu aniversário de 32 anos tinha dado à luz a sua segunda filha.

Convém lembrar que para Freud era possível analisar as profecias como se fossem produções subjetivas, fantasias ou sonhos. Assim faz com a que recebeu de Elfriede Hirschfeld: parte de um cifrado aritmético, o 2 e o 32, através da análise encontra o *Wunsch* inconsciente de sua paciente e aí se captura a interpretação. O surpreendente é que, ainda que em *Os limites da interpretabilidade* de Freud não descarte que pudesse haver outras interpretações possíveis do sonho – assunto que ocupa a Lacan nas primeiras sessões de *Les non-dupes errent* –, neste caso está convencido de que “não poderia se esclarecer melhor toda a história”⁵. E seguro como estava de que a explicação do “detalhe” das cifras a tornaria “convicente”⁶ (Freud, 1933 [1932]/1988a, p. 39), ainda entre os mais céticos, enfrentou com ela a comunidade científica de seu tempo. Mas o que revelava esse *sentido* único ao que chegava Freud, esse sentido sexual-edípico onde se deteve a interpretação?

A operação de tradução/interpretação (segundo a terminologia freudiana), a de deciframento (de acordo com a lacaniana dos últimos anos), é fundamental para Lacan. Através dela ele questionará a relação binária entre S1 e S2, ou seja, entre o significante e o saber, e destacará como o deciframento não se reduz à produção de sentido (Lacan, 11 de dezembro de 1973). Este é o grande valor da carta que Freud envia a Ferenczi em 3 de janeiro de 1911, já que só aí podemos ler como Freud resolve o enigma das cifras para se entregar, depois, a um trabalho de interpretação que faz por sua conta. Como ele mesmo narra para seus amigos que o acompanharam às montanhas de Harz em 1921, tinha ficado tão fascinado com as cifras que o resto da descrição de Elfriede Hirschfeld com o adivinho foi se perdendo em sua memória (Freud, 1941 [1921]/1988, p. 179).

Freud molda a história de sua paciente: distorce alguns dados, acrescenta outros que estavam ausentes na carta, dá mais vivacidade à narração e mais peso a algumas de suas afirmações até conseguir escrever *sua* história. Por meio da interpretação analítica, Freud localiza a origem e o agente do saber que aparentemente vem de fora e prova que houve transferência de pensamentos: *Es gibt Gedankenübertragung*.

Freud *traduz/decifra* a profecia e produz um saber *pleno de sentido*. Pensa que através de sua operação alcançou um saber, a verdade do sintoma de sua paciente, e está convencido de que o resto da análise deve consistir em que ela aceite essa verdade que ele construiu. Mas que relação poderia existir entre este saber e os

5 N.T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1996). Sonhos e ocultismo. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* de Sigmund Freud (vol. 22, p. 30) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-22-1932-1936.pdf>

6 N.T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a Freud, S. (1996). Sonhos e ocultismo. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* de Sigmund Freud (vol. 22, p. 30) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-22-1932-1936.pdf>

significantes proferidos por Elfriede Hirschfeld se, como Freud mesmo reconhece, o relato da paciente tinha se perdido em sua memória? Mais que a verdade do sintoma, o que se coloca em evidência nessa análise é a verdade cuja descoberta, como diz Lacan no seminário de 1973-1974, é a transferência, ou seja, a verdade do amor.

2. O tormento

Com a revisão da profecia e a interpretação que Freud faz da mesma, aparece um novo personagem na história: a mãe de Elfriede. Freud se limita a acomodar os dados provenientes dela na problemática da paciente que se adéqua a suas teorias elaboradas com anterioridade e aos termos que ele conhece. Freud fala de “identificação com a mãe” para inserir o que ocorria a Elfriede Hirschfeld em um lugar seguro, confiável para ele, ou seja, no suposto desejo edípico que organiza a problemática desta mulher: ela queria “ocupar o lugar da mãe” para ter um filho do pai.

No entanto, a história da mãe desempenha um papel central na vida de Elfriede: a primeira tinha se casado por volta de 1870 aos 30 anos, uma idade que ultrapassa muito os padrões da época; ainda assim, tinha conseguido dar à luz a cinco filhas; Elfriede era a mais velha. Na família, mencionavam com frequência o fato de que a mãe tinha recuperado o tempo perdido (Frosh, 2013). Por conseguinte, os números da profecia não só transmitiam os fatos, mas também estavam acompanhados do júbilo e do assombro que este grande acontecimento inesperado tinha gerado na mãe e na família.

Antes que a senhora Hirschfeld falasse em sua análise das previsões do adivinho, havia pistas de como funcionava para ela este acontecimento familiar. Refiro-me à forma sintomática em que ela vivia os processos de procriação da mãe. Freud não deixa de prestar atenção ao aspecto do quadro clínico de sua paciente, mas o força até encontrar uma forma de acomodá-lo em seu *Édipo*.

O alcance deste aspecto medular da sintomatologia da senhora Hirschfeld pode ser apreciado graças à leitura que faz Lou Andreas-Salomé de algumas confidências que Freud lhe fizera durante o Congresso de Munique em 1913 – ocasião na qual Freud apresentou *A disposição à neurose obsessiva* –. Andreas-Salomé (1912-1913/1964) escreve em seu diário que Freud tinha tido uma longa conversa confidencial com ela sobre as particularidades da neurose desta mulher e tinha colocado em destaque os “curiosos casos de transferências de pensamentos que tanto lhe atormentavam”⁷ (pp. 168-169). Abrigado pela relação próxima e íntima que tem com ela, Freud fala do que não pode ser explicado da história secreta de Elfriede Hirschfeld. Entre outras questões, destaca o *afeto* com o que a paciente descreve o vaticínio, quando era evidente que este não tinha se cumprido.

Para Lacan não passa despercebido o tema do afeto quando se ocupa do *oculto* em seu seminário 1973-1974. Ainda sem saber que se tratava de Elfriede Hirschfeld (pois nestes anos não se conhecia a identidade da paciente), segue com atenção a história que Freud

7 N.T.: Tradução livre.

narra em “Psicanálise e telepatia”, e evoca “o estado de satisfação absolutamente jubiloso” com o qual ela acolhe a predição, apesar de esta não se realizar.

Convém comparar a posição de Freud na carta enviada a Ferenczi a princípios de 1911 com aquela transmitida por Andréas-Salomé em seu diário, em setembro de 1913. Na primeira, a interpretação do 2 e do 32 o fascina; em sua conversa com Lou Andreas, o inexplicável do *afeto* que acompanha as cifras o atormenta. No entanto, a fascinação e o tormento não são mais que as duas caras da mesma operação a qual Freud se entrega se a lemos à luz do assinalamento de Lacan (1975) em relação ao sentido que Freud detém no deciframento do sonho, no lapso, na anedota⁸ – grupo no que podemos incluir, agora, a predição não cumprida de Elfriede Hirschfeld.

Nas confidências de Freud a Lou Andreas se evidenciava que o vaticínio, apesar de ter sido decifrado, continuava sendo um enigma. E ela não deixa de destacar a insuficiência dos conceitos de Freud; com estes não conseguia explicar como, nem por que, Elfriede Hirschfeld vivia e revivia com tal intensidade uma predição que, como já visto claramente, não tinha se cumprido e já não poderia se cumprir.

Lou Andreas coloca em suas próprias palavras aquilo que Freud tinha confessado. Ao fazê-lo, desloca discretamente a terminologia freudiana e de forma sutil coloca a problemática de Elfriede Hirschfeld em outro lugar. Andreas-Salomé não fala de *identificação* nem da *relação* da paciente com a mãe. E mais ainda, o *Édipo* não forma parte de sua reflexão. Ela coloca o acento no corpo de Elfriede Hirschfeld, porém não nesse corpo que Freud pretendia ler como se fosse um manuscrito, mas sim em um que goza e sofre.

De acordo com a descrição de Andreas-Salomé (1912-1913/1964), o que acontecia com a paciente era da ordem da desmesura, da indiferenciação, da persistência atemporal, da intensidade, do sofrimento, do indizível. Ou seja que, se seguimos o fio condutor de sua leitura, os números da profecia teriam revelado não a identificação com a mãe e o *Wunsch* inconsciente de ter um filho do pai, como Freud assegurava, mas a forma na que Elfriede Hirschfeld vivia “a experiência da mãe como se tivesse sido *totalmente a sua própria*”⁹ (pp. 169-170)¹⁰.

Em 1913 Andreas-Salomé esclarece o limite do saber de Freud. Ele acreditava que, através do deciframento dos números, tinha chegado à verdade do sintoma, sintoma que sua interpretação eliminaria. Não tinha os elementos para ler de outra forma o que ocorria no corpo de Elfriede Hirschfeld: tratava-se de um gozo atemporal que não distinguia o corpo da mãe do dela; Freud também não conseguiu compreender como e quanto tinha se enredado nessa cura.

O conjunto complexo de sintomas de Elfriede Hirschfeld despertou a curiosidade científica de Freud. Aí estava desde o início

8 7 Redigido em 7 de outubro de 1973. O mesmo trabalho foi apresentado e parafraseado por Lacan em sua intervenção de 2 de novembro de 1973 no 6º Congresso da École Freudienne de Paris, em La Grande Motte, Montpellier. Também, vai a retomá-lo nas primeiras sessões do seminário Les non-dupes errent.

9 N.T.: Tradução livre.

10 Destacado por Andreas-Salomé (1912-1913/1983) no original em alemão.

esta relação de Freud com o saber que o atormentava e na que está ancorado seu gozo, o seu próprio. A partir deste lugar acolheu Elfriede Hirschfeld e a partir deste mesmo lugar se deu por vencido com o que a análise desta mulher tinha lhe reservado.

3. A contratransferência em *Les non-dupes errent*

As reflexões, confidências e segredos de Freud que lhe foram proporcionadas pela análise de Elfriede Hirschfeld permitem vislumbrar até que ponto a relação do analista com o saber determina sua forma de acolher e administrar o amor de transferência.

É através deste ângulo que, em 19 de março de 1974, Lacan abre caminho para a problemática contratransferencial. Nesta ocasião, tenta articular verdade, amor e saber na experiência analítica. Lacan introduz o tema recomendando a seu público o livro de Michel Neyraut *Le transfert* (1974): trata-se de uma reflexão teórica sobre a contratransferência. O autor propõe uma teoria ampliada da contratransferência e parte da ideia de que esta precede a transferência. Propõe-se a demonstrar a unidade que existe entre o pensamento psicanalítico e a contratransferência, tanto na história da teoria analítica como na implicação do analista na análise, assim como também nos momentos reflexivos em que se tecem comentários à situação analítica. Demonstra em que medida o pensamento é sua resistência desde que se constitui como pensamento, ainda que não escape da contradição fundamental de ser ao mesmo tempo um motor e um freio: escurece a escuta e permite sua inteligência. Para Neyraut, o pensamento analítico não se detém unicamente nos trajetos teóricos que poderiam invadir e dar viés à escuta. Também não nos aspectos especulativos ou reflexivos de seu campo. O pensamento é, antes de tudo, inconsciente e, da mesma forma que outras entidades psíquicas, não é alheio ao princípio de prazer-desprazer (Neyraut, 1974; Dreyfus, 1999).

A proposta de Neyraut vem bem a Lacan, principalmente a partir do momento que em seu seminário vai se aproximar da forma como a análise aborda o saber e quando, conseqüentemente, o tema da transferência se torna primordial.

A verdade comicha [...] basta que a verdade comiche para que isso toque no verdadeiro por algum ângulo. [...] Se não toca no vosso, porque não tocaria no meu? Aí está, este é o princípio do discurso analítico, e por isso eu disse em alguma parte e a alguém que tem, assim, um lindo livrinho sobre a transferência - seu nome é Michel Neyraut - disse a ele que começar, como ele faz, pelo que chama a contratransferência, se com isso ele quer dizer que a verdade toca o analista mesmo, ele está seguramente no bom caminho, porque depois de tudo, é lá que o verdadeiro toma sua importância primária e que, como o fiz observar faz muito tempo, não há mais que uma transferência, a do analista, já que, afinal de contas, é ele que é o sujeito suposto ao saber.¹¹ (Lacan, 19 de marzo de 1974)

11 N.T.: Tradução de Denez, F e Capobianco G. A tradução corresponde a Lacan, J. (2018) *Os não-tolos erram/Os nomes do pai*. (p.178) Porto Alegre: Editora Fi. (Trabalho original publicado em 1974). Versão eletrônica recuperada em https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_5b94d85169b6421b885f4668bfd9c423.pdf

“A coisa é notável –destaca Lacan– o saber do inconsciente [...] foi revelado, foi construído”. Segundo ele, esse é o valor do livrinho de Neyraut.

A revelação do inconsciente como saber, essa revelação do inconsciente como saber se fez de uma maneira tal que a verdade do amor, quer dizer, a transferência, não fez mais que irromper. Ela ficou em segundo lugar. E nunca se soube bem fazê-la voltar a entrar, salvo sob a forma do mal-entendido, da coisa imprevista, da coisa com a qual não se sabe o que fazer, salvo dizer que era preciso reduzi-la, inclusive liquidá-la. (Lacan, 19 de março de 1974)¹²

A aposta para Lacan é clara: com a experiência que tinha tido em sua própria análise e com o que poderia lhe proporcionar o dizer de Lacan, o analista saberia “se ater acerca de sua relação com o saber”, e ainda que esta relação seja “regida pela estrutura inconsciente que o separa desse saber”¹³, ao menos poderia conhecer “uma ponta” disso.

Lacan anota a descoberta da transferência, assim como a dificuldade que tanto Freud como seus sucessores encontram sistematicamente na administração da mesma. Abundam os testemunhos a respeito. E ainda constata que não houve forma de vislumbrá-la de maneira temperada, e que a pregnância do amor de transferência não bastou para que o analista pudesse acolhê-la de outra forma.

O amor ocupa um lugar, afirma Lacan (19 de março de 1974), ainda quando até aqui nos tenhamos reduzido a lhe devolver seus deveres. Com o amor pagamos, oferecemos um óbolo, tentamos por todos os meios permitir-lhe que se afaste, que se dê por satisfeito.

4. Cólicas transferenciais

A análise de Elfriede Hirschfeld ilustra, como poucas, o lugar que Lacan confere à problemática contratransferencial no seminário de 1973-1974. Esta experiência analítica é exemplo de como se entretete e se torna complexo o apaixonante processo de elaboração teórica de Freud com sua implicação transferencial. A análise de Elfriede Hirschfeld acompanha e provoca a investigação de Freud até o fim de suas publicações. E não só isso. Com o saber produzido com ela pretende responder sua demanda de amor. Em um momento crítico da análise, quando Freud (1915/1999) está seguro de ter o saber sobre a doença da paciente, quando falham suas tentativas de se desembaraçar dela, lhe diz qual é, segundo ele, “o verdadeiro segredo de sua doença”¹⁴ (pp. 81-82). Ao fugir, Elfriede Hirschfeld lhe dá uma lição: não se tratava disso...

12 N.T.: Tradução de Denez, F e Capobianco G. A tradução corresponde a Lacan, J. (2018) *Os não-tolos erram/Os nomes do pai*. (p.179) Porto Alegre: Editora Fi. (Trabalho original publicado em 1974). Versão eletrônica recuperada em https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_5b94d85169b6421b885f4668bfd9c423.pdf

13 N.T.: Tradução de Denez, F e Capobianco G. A tradução corresponde a Lacan, J. (2018) *Os não-tolos erram/Os nomes do pai*. (p.178) Porto Alegre: Editora Fi. (Trabalho original publicado em 1974). Versão eletrônica recuperada em https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_5b94d85169b6421b885f4668bfd9c423.pdf

14 N.T.: Tradução livre.

A implicação de Freud nesta análise permite apreender porque quando Lacan (19 de março 1974) se ocupa pela última vez da contratransferência, conclui que “da experiência analítica, a transferência é o que ela expulsa, o que ela não pode suportar senão padecendo, por sua causa, de fortes dores de estômago”¹⁵ (Lacan, 1973-1974/inédito). Com Elfriede Hirschfeld se tratou de um amor que Freud nunca pôde reduzir, nem afastar, nem transferir, muito menos liquidar. Foi um amor que nunca se deu por satisfeito. Não por acaso ela foi, para Freud, “seu principal tormento”¹⁶.

Resumo

A relação de Freud com Elfriede Hirschfeld (que esteve em análise com ele entre 1908 e 1914) permite destacar como Freud lança mão desta análise para desenvolver, confirmar e inclusive inventar algumas de suas teorias, e também sua forma de construir um saber sobre “a doença” da paciente e de colocá-la em jogo na análise a ponto de levar a transferência a um *impasse*. Esta experiência analítica ilustra de forma exemplar em que medida a relação do analista com o saber determina sua forma de acolher e administrar o amor de transferência, assunto que leva Lacan, em *Les non-dupes errent* [“Os não-tolas erram/Os nomes do pai”] (1973-1974), a se ocupar pela última vez em seus seminários da problemática contratransferencial.

Palavras-chave: *Saber; Verdade; Amor; Transferência; Contratransferência; Telepatia. Candidata a palavra-chave:* Analista

Abstract

Freud’s relationship with Elfriede Hirschfeld (who was in analysis with him from 1908 to 1914) allows us to draw attention to the way in which he makes use of this cure to develop, confirm and actually invent some of his theories. Also, the way in which he builds up a psychoanalytic knowledge regarding this patient’s “sickness” and brings it into play up to the point to lead transference to an *impasse*. This analytic experience shows, in an exemplary manner, the extent to which the analyst’s relation with knowledge determines the way in which he hosts and handles love transference. This issue will lead Lacan, in *Les non-dupes errent* [The Unduped Wanderer] (1973-1974), for the last time in his seminars, to deal with counter-transference.

Keywords: *Psychoanalytic; Knowledge; Truth; Love; Transference; Counter-transference; Telepathy. Alternative keyword:* Analyst.

15 N.T.: Tradução de Denez, F e Capobianco G. A tradução corresponde a Lacan, J. (2018) *Os não-tolos erram/Os nomes do pai*. (p.179) Porto Alegre: Editora Fi. (Trabalho original publicado em 1974). Versão eletrônica recuperada em https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_5b94d85169b6421b885f4668bfd9c423.pdf

16 Cfr. Leff, 2016.

